

VICTOR RUI DORES

Sobre alguns nomes próprios
recolhidos na Ilha Graciosa

Separata
(Boletim do Museu de Etnografia da Graciosa)
D. R. A. C.

Sobre alguns nomes próprios recolhidos na Ilha Graciosa

Cinco séculos de isolamento insular, de contacto permanente com o mar, de cataclismos vulcânicos, de horizontes finitos e de múltiplas formas de solidão atlântica moldaram o espírito do açoriano.

O fenómeno da insularidade aplica-se evidentemente a todas as ilhas dos Açores. Mas algumas há em que tal fenómeno se aplica com mais rigor. Uma dessas ilhas é, sem sombra de dúvida, a Graciosa. Não obstante algum intercâmbio social e económico que manteve, desde sempre, com a Terceira, a Graciosa foi, ao longo dos tempos, uma ilha marcada pelo isolamento físico, sendo este sinónimo de muitas outras formas de solidão.

De resto, esta sensação multicientenária do abandono, de gente um pouco à margem do destino dos outros, faz hoje parte do imaginário dos graciosenses. Ainda há bem pouco anos, quando as ligações regulares com as ilhas se faziam com navios de passageiros (antes do recurso à aviação), o eufemismo do «dia de são-vapor» exemplificava admiravelmente esse espírito de isolamento sem remédio, senão mesmo de uma total dependência. (1)

Como forma de «exorcizar» a fatalidade geográfica do isolamento, os graciosenses entregaram-se, de corpo e alma, à confraternização festiva e à vivência social. Hoje, é indiscutível que a Graciosa é uma das ilhas que melhor soube manter os seus valores tradicionais, pelo menos de forma tão vincada e genuína. Basta ter

presente a cozinha e doçaria tradicionais, os folguedos carnavalescos, a matança do porco, a autenticidade dos festejos do Natal, a arquitectura de algumas casas, o folclore, os valores etnográficos, os officios antigos (alguns ainda subsistentes), etc.

Uma outra característica que individualiza de certa forma a «ilha branca» diz respeito à sua onomástica. Com efeito, quem estiver atento aos nomes próprios de alguns graciosenses (sobretudo dos graciosenses menos jovens) constatará que há realmente uma grande quantidade e variedade de nomes algo «estranhos», ou, pelo menos, pouco usuais.

Pois bem. Proponho-me, neste trabalho, tecer algumas breves considerações sobre alguns desses nomes próprios registados na ilha Graciosa. Uma vez que desconheço estudos prévios sobre esta matéria, vou arriscar aqui algumas opiniões, mas não pretenderei ser conclusivo. O que me interessa é perspectivar a análise sobre o assunto em apreço.

Numa tentativa de sistematização, começaria este trabalho por dividir alguns dos nomes próprios graciosenses em dois grandes grupos:

1. NOMES DE ORIGEM BRASILEIRA

2. NOMES DE ORIGEM ARCAICA

A complementar estes dois grandes grupos, teremos dois subgrupos:

a) NOMES DE INFLUÊNCIA RELIGIOSA (BÍBLICA)

b) NOMES DE INFLUÊNCIA TOPONÍMICA

Convirá desde já referir que a grande maioria dos nomes

recolhidos neste trabalho (ver LISTA) corresponde, por um lado, a graciosenses ainda vivos (residentes na Graciosa e em outras ilhas dos Açores), e, por outro, a graciosenses espalhados pelas comunidades emigrantes nos Estados Unidos, Canadá e Brasil.

1. NOMES DE ORIGEM BRASILEIRA

Durante os séculos XVIII, XIX e, com menor incidência, nos princípios do século XX, muitos graciosenses emigraram para o Brasil. Este surto de emigração deixou, como não poderia deixar de ser, profundas influências na Graciosa. Uma dessas influências foi a adopção, naquela ilha, de nomes próprios brasileiros, os quais foram introduzidos por emigrantes luso-brasileiros, quer através das suas cartas, quer através das suas viagens de regresso.

De facto, a influência da onomástica brasileira é uma característica original na ilha Graciosa e praticamente única no contexto açoriano. É certo que em outras ilhas - sobretudo na ilha do Pico - deparamos com este fenómeno (2), mas a verdade é que em nenhuma outra ilha encontramos uma tal abundância de nomes vindos do Brasil como na Graciosa. Vejamos apenas alguns exemplos:

Nomes masculinos - **Alexandrino, Brivaldo, Celedónio, Celerino, Clarimundo, Deusdeu, Elisiário, Heber, Heliodoro, Saleontino, Urbino, Urselino**, etc.

Nomes femininos - **Aldina, Aureolina, Basilissa, Débora, Docelinda, Duralice, Eufrosina, Gisélia, Hirondina, Leónia, Lucínia, Nisalda, Ondina, Urbina, Urselina**, etc. (3)

Após consulta exaustiva, no Registo Civil de Santa Cruz da Graciosa, de todos os índices de registos de nascimento - desde o princípio deste século até à actualidade -, verifiquei que os nomes vindos do Brasil deixam gradualmente de estar em voga a partir dos princípios dos anos 50. Tal situação resulta da adopção de listas de actualização de nomes (a nível nacional), o que virá a padronizar esses mesmos nomes.

Perguntar-se-á: porquê só na Graciosa - e não em outras ilhas, também elas isoladas e com emigração para o Brasil - é que se manifestou uma tal preponderância e quantidade de nomes próprios brasileiros? O que terá ocorrido na Graciosa para que tal acontecesse? Ter, outrora, um nome pouco vulgar seria razão de prestígio social? Buscar-se-ia, deste modo, uma pretensa ou ostensiva originalidade? Ou terá sido simplesmente uma «moda» que «pegou»?

Ainda não encontrei respostas para todas estas perguntas. Espero bem que, após a publicação deste trabalho, alguém mais abalizado do que eu as venha a dar. Para já, é minha convicção de que terá acontecido um *fenómeno de mimetismo cultural* na ilha Graciosa. Isto é, os graciosenses, através da emigração para o Brasil, terão imitado (consciente ou inconscientemente) alguns dos nomes então em voga naquele país irmão, tal como, nos nossos dias, imitamos os nomes (e não só) de personagens das telenovelas brasileiras. (4)

De resto, este mimetismo não se verifica apenas na onomástica, Veja-se, por exemplo, a forte tradição carnavalesca existente na Graciosa, que levou o meu bom amigo Augusto Gomes

a baptizá-la de «Rio de Janeiro carnavalesco». (5)

De referir ainda que outros nomes há, de origem estrangeira, que, via Brasil, também chegaram à Graciosa por mimetismo cultural. Alguns exemplos: *Ferdinando*, *Franclim*, *Georgete*, *Igor*, *Isolete*, *Lamartine*, *Weber*, etc.

2. NOMES DE ORIGEM ARCAICA

Vivendo, ao longo de séculos, numa ilha pequena, sem grandes contactos com o mundo exterior, souberam os graciosenses manter, a par das suas tradições populares, toda a riqueza arcaica da língua portuguesa, tanto nos termos utilizados como na fonia dominante. De tal maneira que, hoje, não é difícil encontrar vestígios do português de quinhentos na linguagem popular graciosense. (Ouvi eu, da boca de uma idosa da freguesia do Guadalupe, as palavras «tôdolos» e «tôdolas» - em vez de «todos» e «todas» - à boa maneira das crónicas de Fernão Lopes).

Por conseguinte, a Graciosa, enquanto espaço fechado - logo não permeável a influências linguísticas exteriores - armazenou, ao longo de séculos, toda a pureza e autenticidade da língua portuguesa, conservando, deste modo, algum do português arcaico que para os Açores foi trazido nas naus do povoamento.

Daí se explica a existência de muitos nomes arcaicos na ilha Graciosa (bem como em outras ilhas), nomes esses que foram sendo transmitidos de geração em geração. Actualmente este fenómeno diminui a olhos vistos, caminhando para a sua irreversível extinção.

Os tempos são outros, havendo a considerar a enorme influência que os órgãos de comunicação social têm vindo a determinar junto das populações. Atente-se, por exemplo, no forte impacto da televisão nos tempos que correm. Outros valores culturais e outros modelos sociais foram entretanto introduzidos na sociedade açoriana.

São, por isso, os graciosenses nascidos a partir dos princípios deste século até sensivelmente aos finais dos anos 40, aqueles que, hoje, detêm nomes arcaicos, isto é, antigos, tais como: **Aldonça, Carlota, Diógenes, Eneias, Frutuoso, Gregório, Hermengarda, Juvenal, Luzia, Ofélia, Pulquéria, Tarquínio, Telmo, Teotónio, Tristão, Ulisses, Melquisedeque** (este, um nome raríssimo), etc.

a) NOMES DE INFLUÊNCIA RELIGIOSA (BÍBLICA)

Comum a todas as ilhas do arquipélago é o forte peso que a religiosidade assume na vivência das suas gentes. Assim se explica a existência de inúmeros nomes próprios denotando influência religiosa e bíblica. Nesta perspectiva, refira-se que os nomes existentes na Graciosa aproximam-se dos de outras ilhas.

Mesmo assim, podemos encontrar, naquela ilha, nomes próprios bastante raros, como por exemplo: **Belchior, Elias, Ezequiel, Lázaro, Melchior, Messias, Moisés, Noé, Trindade**, etc.

b) NOMES DE INFLUÊNCIA TOPONÍMICA

Alguns nomes próprios atestam uma influência da toponímia graciosense. «Graciosa» tem sido nome próprio dado a raparigas nascidas na «ilha branca», desde há muito. Há também uma influência a partir dos nomes das freguesias e lugares da Graciosa: **Dores** (aqui como nome feminino), **Guadalupe**, **Luz**, **Vitória**, etc.

.....

ESTROPIAÇÕES ORTOGRÁFICAS

Finalmente, interessa referir que, dada a sua invulgaridade, alguns dos nomes aqui inseridos sofreram estropiações ortográficas de vária ordem. Eis alguns exemplos: **Eldeberto** - **Ildeberto**; **Erundina** - **Irundina**; **Hildebrando** - **Ildebrando**, etc.

É bem possível que essas estropiações sejam, nalguns casos, resultado de equívocos gerados por assimilação fónica do sotaque graciosense, no acto de registo de nascimento, É o caso de **Elmiro** - **Almiro**. Mas este é um assunto para um outro trabalho.

Aí vai, pois, por ordem alfabética, uma lista de 538 nomes próprios recolhidos na Graciosa. (6) Eles aí ficam, constituindo, desde já, e como já foi referido, uma primeira tentativa de sistematização.

Horta, 25/08/91

Victor Rui Dores

Lista de alguns nomes próprios da Ilha Graciosa

A

Abelardo
Aciolinda
Aciolindo
Aciolino
Acúrcio
Adalgira
Adenoalda
Adosinda
Adriel
Adulcelina
Adventino
Aguinaldo
Albina
Alcida
Alcide
Adalgisa
Aldiva
Aldevina
Aldevino
Aldina

Aldonça
Aldora
Aldovino
Alece
Algira
Alexandrina
Alexandrino
Almarim
Almeirinda
Almerinda
Almerindo
Almerio
Almiro
Aluízio
Altrudes
Alvarim
Alvéria
Alvina
Alzira
Alzirina
Alzirino
Alziro
Amarilis
Americiano
Anália

Anatólia
Anatólio
Angeolinda
Anselmo
Antelo
Antemínio
Antonina
Antonino
Apolinária
Apolinário
Arabela
Arbela
Arcelinda
Arcelindo
Arceolindo
Argentina
Argentino
Ariovalda
Aristeu
Arlésio
Armandina
Armandino
Arsélio
Arseolindo
Ascelinda

Asdrúbal
Asselina
Astéria
Ataíde
Augustino
Aura
Aurelentino
Aureolina
Aureolinda
Aureolindo
Ausénio
Ausíria
Auta
Avelina

B

Baltina
Basilissa
Basilisses
Belarmina
Belchior
Belizário
Belma
Benigma

Benigna
Benvinda
Benvindo
Biondina
Blaudina
Boaventura
Brálio
Brazilense
Briel
Brivalda
Brivaldo
Briolanja
Brísida
Brizolino

C

Calisto
Calmerina
Calmerino
Capitolina
Caritina
Carlota
Carmelina
Casimiro

Catão
Celedônio
Celerina
Celerino
Cesarina
Cidolina
Cilena
Cirila
Cirino
Cisbélia
Cizenante
Clarimundo
Claudino
Clélia
Clemina
Clorinda
Crisalina
Crisiolinda
Crisolina

D

Dagoberto
Dalina
Dalva

Damasceno
Damásio
Dativo
Débora
Décio
Deidâmia
Delcina
Delfina
Delina
Delmar
Delminda
Delmindina
Delmiro
Delouro
Delvina
Delvinda
Delvino
Dénio
Deocleciano
Deodato
Dério
Desidério
Deusdeu
Diamandina
Digna

Dilermando

Dinarte

Dioclécio

Diógenes

Diogénia

Diogénio

Docelinda

Dócil

Donado

Donalda

Dorati

Dores (fem.)

Dorgival

Dorivaldo

Dorlinda

Ducelina

Duralice

Durvalina

Durvalino

E

Edalgisa

Edelberto

Edeltrudes

Edeviges
Edmundo
Edontino
Eduíno
Egídio
Eldemar
Eleutéria
Elgina
Elias
Eliseu
Elisiário
Elizira
Elmerinda
Elmina
Elmindo
Elpídia
Elpídio
Elvina
Elvino
Elvinda
Elzira
Ema
Emitério
Eneias
Engrácia

Eovaldo
Erna
Ernestina
Erundina (Irundina)
Erzelina
Esaú
Esbela
Esmelinda
Estácio
Estanislau
Estefânia
Eufrosina
Eulália
Eulina
Eutímio
Evangelina
Ezelino
Ezequiel
Ezulina

F

Felismina
Felismino
Ferdinando
Firmilindo

Florentina
Florentino
Floresinda
Florestina
Floriberto
Florimundo
Floripa
Floripes
Florisbela
Florivaldo
Florsinha
Francelina
Franclim
Franclina
Frutuosa
Frutuoso
Fulgêncio

G

Gabínio
Gelcimina
Generosa
Georgete
Geraldina

Germana
Germânia
Germina
Germínia
Gibela
Gisélia
Glorinda
Graciolina
Graciolinda
Graciomilde
Graciosa
Gregório
Grimoalda
Grinoalda
Guadalupe
Gualdino
Gudeberta

H

Heber
Heliodoro
Hercina
Herecina
Herma

Hermengarda
Hermenegildo
Herminda
Hernâni
Herondina
Herondino
Hidalberto
Hidondino
Higino
Hildebrando (Ildebrando)
Hildelberto
Hirondina
Hirondino
Honorato
Honorina

I

Ibéria
Idalina
Idalmira
Idelberto
Ideltrudes
Igor
Ilberto

Ildebrando
Ildefonso
Ilísia
Imereciano
Inalvina
Iraílda
Iria
Irineu
Irundina
Irzelina
Irzelindo
Isaída
Isaíldo
Isalina
Isalino
Isaltina
Isaltino
Isaúl
Isaulina
Isidério
Isolete
Isolina
Isolino
Isualda
Ivelina

Izaltação

J

Jardelina

Jerónima

Jesuína

Josefa

Joselino

Joselita

Jovina

Justina

Juvaldino

Juvenal

Juvenália

Juventino

L

Lamartine

Laurença

Laurentino

Lauriano

Laurinda

Laurínio

Lázaro
Leoberto
Leobino
Leocádia
Leodolfo
Leonar
Leoneza
Leónia
Leoníldio
Leontina
Leopídia
Leopoldo
Leu (masc.)
Libarina
Liberina
Líbia
Libina
Libório
Licímia
Licínio
Lidónio
Liduína
Lindaura
Lindorfo
Lindorifa

Lorival
Lorivaldo
Los (masc.)
Lourina
Lourinda
Lourivalda
Lucínia
Lucínio
Ludovico
Ludovina
Ludugero
Luduvira
Luquecína
Lusitânia
Luzomira

M

Mabel
Marcela
Marcelina
Marciana
Mária
Malette
Márola

Maximiano
Maximiliano
Maximínio
Maximino
Mebula
Melchior
Melquíades
Melquisedeque
Messias
Minorato
Modéstia
Moisés
Mosart

N

Naír
Narcisa
Nardino
Napoleão
Nascimento (fem.)
Nectário
Nédia
Néli
Neogénia

Neogénio

Neónia

Nervina

Nídia

Nisalda

Nívea

Noé

Nonado

Norato

Normano

O

Obulina

Odaltino

Odelta

Oderico

Odorico

Ofélia

Oldemiro

Olígia

Olímpia

Olímpio

Olinda

Olinta

Olinto
Oleontina
Ondina
Orfília
Orialdo (Urialdo)
Oriolanda
Oriolando
Osvaldino
Ovina

P

Parménio
Peregrino
Péricles
Polígena
Pompílio
Porfíria
Protestato
Pulquéria

Q

Quelminda
Quirino

Quitéria

R

Reginaldo

Reinaldo

Romualda

Romualdo

Rosindo

Rufino

S

Sabino

Saleontino

Salustiano

Salvio

Satiro

Saudade

Senhorinha

Sensitiva

Sesinando

Severiano

Severo

Sotero

T

Talentina

Tamagildo

Tarquínio

Tarquísa

Telestina

Telma

Telmo

Teodemira

Teodemiro

Teodolinda

Teodomiro

Teodora

Teodoro

Teodorico

Teodosina

Teodózio

Teófila

Teotânia

Teotónio

Tertuliano

Tomázia

Torcato

Trindade (fem.)

Tristão

U

Ubalдино

Uldemiro

Ulisses

Ulurina

Umbelina

Unerina

Urânia

Urbina

Urbínia

Urbino

Urialdo

Urcelina

Urcelino

V

Valdemira

Valdemiro

Valentina

Valeriano

Valquério

Valquíria

Valquírio

Veneranda

Verdiana

Veridiana

Veridiano
Vinício
Violante
Virgino
Vitalina
Vítimo
Vitória
Vitório
Vivaldo
Vivelina
Vivelinda
Vivina
W
Weber
Z
Zeferino
Zelinda
Zenália
Zeremias
Zilda
Zulima
Zulmiro
Zulnar

(recolha de Victor Rui Dores)

NOTAS

- (1) Para aprofundar esta questão, remeto o leitor interessado para o estudo «*Há ou não uma Literatura Açoriana?*», de João de Melo (Cf. revista «**Vértice**», n.º 448, Maio/Junho, Coimbra, 1982).
- (2) Não me refiro, como é óbvio, aos nomes próprios recentemente adoptados por influência das actuais telenovelas brasileiras.
- (3) Subscrevo, com gosto, as informações dadas pelo estudioso Augusto Gomes, no artigo «Cozinha Graciosense» (in **Boletim do Museu de Etnografia da Graciosa**, n.º 4, Dezembro de 1990).
- (4) Desde que as telenovelas brasileiras começaram a fazer parte integrante do nosso quotidiano televisivo, muitos e variados têm sido os nomes próprios brasileiros introduzidos em Portugal. Tal como outrora, estamos, novamente, perante um fenómeno de mimetismo cultural.
- (5) Cf. revista «**Air Açores**», n.º 10
- (6) Quero aqui deixar expresso o meu mais sincero agradecimento ao empenho de todos aqueles - e foram muitos - que colaboraram comigo na recolha de tais nomes.

Ficha técnica:

Autor: Victor Rui Dores

Separata impressa e composta nas oficinas de «O Telégrafo»

Ano de edição: 1991

Tiragem: 500 exemplares

Edição: Museu de Etnografia da Graciosa, com a colaboração da
D.R.A.C.

Do autor:

POEMAS DE FOGO E MAR (edição de autor, Angra, 1978)

GRIMANEZA. OU UM BARCO CHAMADO DESEJO
(contos, editora «Signo», Ponta Delgada, 1987)

ENTRE O CAIS E A LANCHA (poesia, edição de autor, Horta, 1990)

**DE ALGUMAS BREVES IMPRESSÕES
SOBRE ALGUNS ESCRITORES AÇORIANOS**
(separata n.º 23 do suplemento «Quarto Crescente» do jornal «A UNIÃO», 1990)

À FLOR DA PELE (poesia, edição de autor, Horta, 1991)